

Símbolos, Complexos e a Construção da Identidade na Psicoterapia com Crianças

André Guirland Vieira, Universidade Luterana do Brasil – ULBRA

Clarice Haubert, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Artigo aceito para publicação na Revista Aletheia-ULBRA, número 45.

Identidade, complexos e história familiar

O presente estudo é o relato de experiência com uma criança e sua família em um processo de psicoterapia com orientação na Psicologia Analítica. Investigamos ali a função dos símbolos, complexos e dos conflitos familiares na construção da identidade de um menino de 8 anos.

Jung (1926/1986) concebe o desenvolvimento da Personalidade em um percurso que inicia na infância e que se estende ao longo da vida da pessoa. Até cerca de 3 anos de idade, por um estado de inconsciência de si mesma, a criança está relativamente fundida às condições do meio ambiente, de modo que ocorre uma identificação entre seu estado psíquico e a psique dos pais. Somente na adolescência o sujeito assume relativa independência em relação ao psiquismo dos progenitores. Em função desta identificação inconsciente, a criança tende a assimilar e reproduzir a visão de mundo dos pais, suas formas de sentir, de se comportar e de se posicionar na vida, aspectos peculiares de cada família que geralmente passam despercebidos. A esta visão de mundo adquirida, Jung chamou de complexo. Os complexos são transmitidos de geração em geração, justamente devido à tendência de repetição dos modelos parentais.

Enquanto elementos constituintes da personalidade, os complexos são formadores da individualidade. Jung (1907/1986) já havia apontado para o fato de certos complexos possuírem um efeito duradouro na personalidade, o que em geral era causado por experiências de vida marcantes. Tais experiências podiam ser eventos traumáticos, como acidentes que acabavam deixando sequelas determinantes ao rumo de uma vida, mas também por uma fragilidade exposta que acabava construindo um modo específico de se relacionar com os outros ou também por uma educação familiar e cultural capaz de construir uma determinada visão de mundo. Jung (1934/1984) entendeu que a diversidade dessas experiências proporcionada pelas diferenças nas trajetórias históricas de cada pessoa estabelecia a base psicológica para a construção da singularidade dos indivíduos. Assim, a individualidade seria construída a partir de uma história familiar de posicionamentos diante da vida, sejam eles problemáticos ou não (Jung, 1926/1986).

Método

Participou deste estudo uma criança com idade de 8 anos, do sexo masculino, frequentando o Ensino Fundamental, residente no Rio Grande do Sul, morando com os pais e duas irmãs. O participante foi selecionado dentre as crianças que vivenciaram um conflito psíquico e estiveram em tratamento psicoterápico com orientação na Psicologia Analítica conduzido pela pesquisadora.

O levantamento dos dados foi procedido mediante os seguintes instrumentos: a) entrevista aberta com os pais: foram investigados o motivo da consulta, a história de vida da criança com os respectivos sintomas e sua evolução, a história familiar e dados de anamnese, conforme necessário; b) entrevista aberta com professora e orientadora educacional: levantamento da situação da criança na escola em termos de desenvolvimento cognitivo, emocional, social, vivências e eventos significativos; c) registros diários das sessões de psicoterapia: verbalizações da criança, os eventos relatados por ela, os comportamentos não verbais e as atividades realizadas; d) produção plástica realizada pela criança, através de desenhos, pinturas e modelagens: disponibilizados materiais plásticos para a realização livre e espontânea de desenhos, pinturas e modelagens, e registrados os relatos, as estórias e as associações da criança sobre os mesmos (Jung, 1916/2000b; 1917/2004; Silveira, 1992/2001); e) fotografias do brincar simbólico na caixa de areia: foram disponibilizados brinquedos e uma caixa de areia para que a criança criasse cenários de forma livre e espontânea; foram fotografados os cenários que a criança construiu na caixa de areia e registrados os relatos, as estórias e as associações da criança sobre os mesmos (Jung, 1916/2000b; 1917/2004; Vieira, 2006; Ammann, 2002); f) sonhos: foram registrados os sonhos relatados pela criança e suas respectivas associações (Jung, 1916/2000b; 1917/2004; Vieira, 2006).

Foi utilizado delineamento de estudo de caso único (Yin, 1994/2001), buscando analisar os símbolos e sua função terapêutica na psicoterapia infantil, bem como uma compreensão do caso analisado. Foi efetuada a seleção do participante dentre os pacientes atendidos pela pós-graduanda, e procedeu-se o contato inicial para propor a participação na pesquisa junto ao responsável legal, com os devidos esclarecimentos acerca dos objetivos, privacidade e o caráter voluntário. Após, a criança foi consultada sobre a possibilidade de sua participação, também sendo esclarecida conforme descrito antes. Confirmado o interesse de participação, foi lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo responsável legal e pelo participante. Posteriormente, os instrumentos de coleta de dados foram organizados para proceder ao levantamento e à análise dos dados.

Foram adotados os princípios éticos referentes à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, e a resolução número 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, dispendo sobre a realização de pesquisas em psicologia com seres humanos. No presente estudo, os nomes dos sujeitos de pesquisa foram omitidos, tendo sido substituídos por nomes fictícios.

Toda produção simbólica foi analisada e interpretada conforme proposto pela Psicologia Analítica, contemplando os processos de contextualização e amplificação. Os sonhos e narrativas foram analisados segundo o modelo de análise dramática de Jung (1916/2000b; 1917/2004), que organiza a produção simbólica em quatro proposições macro narrativa: exposição, desenvolvimento da ação, peripécia, e solução. A análise dos dados contemplou as intervenções clínicas procedidas com a criança e com a família, bem como os resultados obtidos de tais intervenções. Para a elaboração deste estudo, foram selecionados alguns relatos e produções simbólicas realizadas pelo participante durante as primeiras 15 sessões dentre as 83 procedidas ao longo do tratamento.

Resultados

Paulo tinha 8 anos quando foi encaminhado à psicoterapia. O motivo da consulta apresentado pela escola era o fato de Paulo mentir e ter dificuldade de relacionamento com colegas meninos, preferindo relacionar-se com meninas. A mentira foi descrita como inventar estórias, como a de ter um irmão pequeno e coisas que o irmão fazia em casa. Também se dizia *gay*, o que era motivo de chacota pelos colegas. Paulo residia com os pais e duas irmãs: Carla, com 17 anos, e Marina, com 11 anos; o pai chamava-se Antônio, tinha 43 anos e trabalhava como auxiliar de almoxarifado; a mãe, Luciana, tinha 38 anos e cuidava do lar. Paulo veio trazido à terapia apenas pela mãe, o pai recusou-se a participar do tratamento. Paulo sempre foi brigão, e havia cerca de quatro meses que ele estava mais agressivo: irritado e ciumento, empurrava a mãe, brigava e implicava com as irmãs e queria ter autoridade sobre elas; colocado de castigo, chorava e esperneava como bebê. Luciana não o deixava jogar bola com os meninos na rua nem brincar com meninos maiores, embora ele pedisse. Paulo considerava que os colegas da escola eram chatos; também falava que o pai era chato, porque não brincava com ele. Luciana descreveu o esposo como enérgico, briguento, como alguém que não demonstrava carinho e era exigente; tinha como aspectos positivos preocupar-se quando os filhos adoeciam e não bater neles. Tendo engravidado de Paulo, Luciana queria que fosse uma menina, “porque é mais companheira e mais fácil de criar”. Decepcionou-se ao saber que era menino; até ele nascer, acreditou que pudesse haver engano. Desde que nasceu, Paulo presenciou muitas brigas entre o casal, devido ao marido ter ciúmes e achar que a esposa o traía com outros homens. Paulo foi concebido em uma relação sexual forçada pelo pai. Segundo a mãe, o casal não tinha mais vida sexual porque ela queria separar-se. Luciana desesperou-se ao engravidar, pensou em suicídio e se expôs a situações de risco. Antônio pensou que o filho não era dele; depois que Paulo nasceu, o pai só olhou para o menino aos 9-10 meses. Há quatro meses o casal brigou, e desde então não se fala.

Aos 4-5 anos, devido ao afastamento de Luciana, que esteve acompanhando seu pai, avô de Paulo, em um período de hospitalização, Paulo regrediu, voltando a chupar bico e apresentando enurese noturna. No momento da entrevista, aos 8 anos, continuava com a enurese, apresentando algumas vezes encoprese. Dormia com fralda presa ao dedo, chupava bico à noite para dormir e algumas vezes durante o dia enquanto assistia à televisão.

Conclusões

A psicoterapia com crianças implica a participação da família no processo terapêutico: a produção de reflexões acerca de suas próprias dificuldades e a busca de recursos necessários a sua superação mostrou-se no presente caso como uma importante ferramenta de trabalho. Foi particularmente importante a tomada de consciência, por parte da família, da influência que exerce na organização psicológica e no desenvolvimento da criança. No caso clínico analisado, vimos que a produção simbólica de Paulo, interpretada a partir do contexto de sua história pessoal e familiar, possibilitou compreender que seus conflitos referiam-se à construção da identidade sexual e a uma problematização da sexualidade do país.

Ficou evidenciado o papel dos complexos familiares nos conflitos. Alguns desses complexos mostraram um caráter transgeracional, como o que predominava na relação conjugal, pois o ciúme e desconfiança de traição reproduziam-se na família desde o avô paterno: Antônio não foi criado por seus pais, que tiveram várias separações devido aos ciúmes, culminando em uma separação definitiva quando ele tinha 10 anos. Antônio agora atualizava o complexo reproduzindo-o com sua esposa. Outro complexo familiar decisivo

envolveu o desejo da mãe de que Paulo fosse uma menina, fazendo com que ela, inconscientemente, o criasse como uma menina. Este complexo reforçado em sua constelação pela rejeição do pai provocou uma dificuldade na identificação de Paulo com o masculino, o que fez com que ele se mantivesse emocionalmente identificado com a mãe. A neurose produzida pelos conflitos familiares dificultou tremendamente o processo de desenvolvimento de Paulo, dificultando que ele realizasse suas potencialidades. O que restou foram as dificuldades a ser superadas, como a inabilidade para conviver com outros, o sentimento de incapacidade para brincar e jogar bola com os pares, para cuidar de si próprio e para ter autonomia.

Apesar da adesão ao tratamento, a tentativa de suicídio impôs limites à psicoterapia, imprimindo um ritmo mais lento e uma extrema cautela na abordagem relativa à participação da família. Outra dificuldade foi o pai não aceitar participar na psicoterapia de Paulo. A situação do casal era grave e representava um obstáculo para uma melhor evolução do menino. Compreendemos que nessa situação o prognóstico era desfavorável, pelo menos naquele momento. Pelas identificações que lhe eram proporcionadas, Paulo tendia a apresentar dificuldades para lidar com o feminino na vida adulta, quer se optasse pela construção de uma identidade masculina ou feminina, a menos que o grupo familiar decidisse rever suas próprias representações e reorganizar suas relações.

Referências

- Ammann, R. (2002). *A terapia do Jogo de Areia – imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade* (M. Serpa, trad.). São Paulo: Paulus.
- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução n° 016/200*, de 20 de dezembro de 2000. Brasília.
- Jung, C.G. (1977). Chegando ao inconsciente. In: Jung, C.G. et all. *O homem e seus símbolos* (M. L. Pinho, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (original publicado em 1964)
- Jung, C.G. (1986). *O desenvolvimento da personalidade* (Frei V. do Amaral, trad.). (2ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1926)
- Jung, C.G. (1991a). *Tipos psicológicos* (L. M.E. Orth, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1921)
- Jung, C.G. (1991b). *Um mito moderno sobre as coisas vista do céu* (Eva B. bramowitz, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1958)
- Jung, C.G. (1994). *Psicologia e Alquimia* (M. L. Appy, M. Makray e D. M. R. F. da Silva, trad.). (2ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1944)
- Jung, C.G. (1999). *Símbolos da Transformação* (Eva Stern, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1912)
- Jung, C.G. (2000a). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (M. L. Appy e D. M. R. F da Silva, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1939)
- Jung, C.G. (2000b). *A natureza da psique* (Pe. Dom. M.R.Rocha, OSB). (5ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1916)
- Jung, C.G. (2003). *O eu e o inconsciente* (D.F. da Silva, trad.). (17ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1928)
- Jung, C.G. (2004). *Psicologia do inconsciente* (M.L.Appy, trad.). (15ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1917)
- Jung, C.G. (2011). *Seminários sobre sonhos de crianças: sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças*. Editado por Lorenz Jung e Silveira, N. da (1982). *Imagens do inconsciente* (4ª ed.) Rio de Janeiro: Alhambra.

Silveira, N. da (2001). *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática. (original publicado em 1992)

Yin, R.K. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos* (2ª ed.) Porto Alegre: Bookman. (original publicado em 1994)